



A DESIGUALDADE DO APRENDIZADO NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE CHAPECÓ: A PADRONIZAÇÃO DO ENSINO PROMOVE A IGUALDADE?

Amanda Thainara Farezin¹
Marlon Brandt²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve análise da equidade do ensino público na cidade de Chapecó, tendo como principal referência as escolas básicas municipais Zélia Roque de Lima Muniz e Jacob Gisi. Essas duas instituições foram observadas pelos alunos do curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul - campus Chapecó durante o período de observação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID, entre 2022 e 2024).

A ideia de que a padronização do ensino, com uma grade curricular única e o uso dos mesmos livros didáticos pode levar a uma igualdade de aprendizagem é recorrente no senso comum. No entanto, essa visão simplista pode não refletir completamente a realidade educacional, dessa forma negligenciando alguns fatos cruciais para o desenvolvimento dos estudantes.

A padronização do ensino, neste caso uma grade curricular única, é adotada com o objetivo de garantir uma base comum de conhecimento a todos os estudantes, independentemente da escola ou da região onde estudam. Essa proposta busca promover, teoricamente, equidade de conteúdos e de oportunidades.

1. METODOLOGIA

Este relato adota uma abordagem qualitativa e de natureza empírica, baseada em observação direta e análise interpretativa. A investigação possui fins descritivos e exploratórios, tendo como objetivo compreender como a padronização do ensino afeta a equidade nas escolas públicas municipais de Chapecó, como apontado por Aline et al. (2017), em apresentação realizada na Universidade Federal de Rondônia a observação “permite recolher dados no momento em que estão acontecendo, sem a necessidade de criar situações artificiais; Avaliar alguns aspectos para os quais não há outras técnicas; Proporcionar o retorno imediato do resultado da aprendizagem; É fácil de aplicar” e análise. Na Escola Municipal Zelia

¹ Acadêmica do Curso de Geografia – 7ª fase. Universidade Federal da Fronteira Sul.
amanda.farezin@estudante.uffs.edu.br

² Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador Prof.^(e) do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Muniz, o acompanhamento das aulas foi realizado pelo grupo ao qual a primeira autora pertenceu, sendo essa observação direta das práticas educacionais, interações em sala de aula, infraestrutura escolar e outras variáveis relevantes para o estudo.

Além disso, a análise sem observação foi realizada por meio de trocas de experiências com o outro grupo de pibidianos que permaneceu na Escola Jacob Gisi. Essa troca de experiências proporcionou uma oportunidade de comparar e contrastar diferentes realidades educacionais dentro da mesma cidade, possibilitando uma análise mais abrangente e contextualizada.

Essa abordagem metodológica permite uma compreensão mais completa das práticas educacionais e das condições de ensino nas escolas observadas, contribuindo para uma análise mais embasada sobre a equidade do ensino público na cidade de Chapecó.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Para estabelecer um paralelo entre as duas escolas, é importante analisar duas informações importantes: o contexto socioeconômico do bairro em que cada escola está localizada e o poder aquisitivo das famílias dos alunos que frequentam essas escolas.

1. Localização Geográfica e Contexto Socioeconômico

A Escola Municipal Zelia Muniz está situada em um bairro mais afastado do centro da cidade (Bairro Alvorada). Geralmente, essas áreas têm uma infraestrutura mais limitada, com menos recursos disponíveis para educação e demais serviços públicos. As famílias que residem nesses bairros tendem a ter um poder aquisitivo mais baixo. Por outro lado, a Escola Jacob Gisi (bairro Engenho Braun) está localizada em um bairro mais próximo do centro. Sendo assim, tendo uma tendência maior em ter uma infraestrutura mais desenvolvida, com acesso a uma variedade de serviços e recursos. As famílias que vivem nessas regiões geralmente têm um poder aquisitivo mais alto. Abaixo temos algumas imagens dos bairro, nas quais podemos visualizar essa diferença descrita acima:



Fig. 1: Perfil Socioespacial do bairro da Escola Zelia Muniz - Fonte Google Maps



Fig. 2: Perfil Socioespacial do bairro da Escola Zelia Muniz - Fonte Google Maps



Fig. 3: Perfil Socioespacial do bairro da Escola Jacob Gisi - Fonte Google Maps



Fig. 4: Perfil Socioespacial do bairro da Escola Jacob Gisi - Fonte Google Maps

2. Poder Aquisitivo das Famílias

Na Escola Zelia Muniz, onde o poder aquisitivo das famílias é mais baixo, os alunos enfrentam desafios diretamente relacionados à falta de recursos financeiros, como acesso limitado a materiais escolares, tecnologia, apoio educacional e oportunidades além dos muros da escola. Já no Jacob Gisi, onde as famílias têm um poder aquisitivo mais alto, os alunos têm acesso facilitado a recursos, como aulas particulares, materiais educacionais de maior qualidade

e atividades extracurriculares enriquecedoras. Como podemos ver em Nascimento (2015, p. 45): “CHAPECÓ: EVOLUÇÃO URBANA E DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS” do autor professor Ederson Nascimento a seguir:

“Em tal contexto, aprofunda-se e se consolida na cidade um padrão socioespacial centro X periferia, clássico, nas cidades latino - americana, no qual, tendencialmente, o perfil socioeconômico da população residente e os níveis de infraestrutura e serviços nos bairros decrescem a partir da área central em direção aos locais mais afastados desta.”

Ao analisar esses dois aspectos, podemos entender melhor as desigualdades socioeconômicas entre as escolas. Essa disparidade evidencia que políticas padronizadas de ensino muitas vezes não levam em conta as realidades concretas dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Como destaca Freire (1996, p. 67), “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” Nesse sentido, é fundamental repensar propostas pedagógicas que considerem as condições sociais dos alunos, possibilitando um ensino realmente emancipador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista os dados apresentados no tópico anterior podemos chegar a conclusão de que não há uma igualdade socioeconômica entre as escolas municipais de Chapecó e se não há oportunidades iguais de acesso à informação, não há igualdade de oportunidades em aspectos como informação, tecnologia, alimentação, moradia e materiais escolares e acesso a atividades extracurriculares não é correto termos uma grade curricular única, pois a situação das escolas não são iguais.

As condições desiguais, observadas entre as escolas em que nós, docentes, realizamos o PIBID, como a disparidade no acesso a dispositivos tecnológicos, destacam a importância de uma abordagem educacional mais sensível e adaptável às necessidades individuais dos alunos. Uma grade única como a atual acaba não levando em conta as diferentes realidades e necessidades das escolas e alunos. Portanto, é essencial considerar essas disparidades ao planejar o currículo escolar e oferecer uma educação mais inclusiva e equitativa, que não prejudique os alunos com menos acesso.

CONCLUSÃO

Tendo em vista todos os dados apresentados, podemos chegar na resposta da pergunta feita no título deste relato. “A PADRONIZAÇÃO DO ENSINO PROMOVE A IGUALDADE?”, a resposta é não. Não existe igualdade com a padronização pois muitos aspectos são deixados de lado quando se considera a qualidade de vida dos alunos que terão acesso ao ensino. De nada adianta uma

grade comum se o estilo de vida não é comum, se o acesso a alimentação e itens básicos não é o mesmo, ou seja, se as oportunidades não são as mesmas.

Para que possamos melhorar nesse quesito é necessário que essas questões de alimentação, moradia, saneamento básico, acesso a materiais de qualidade, entre outros, também seja levado em consideração quando montamos uma grade e/ou quando escolhemos o livro didático que será usado em cada escola, dessa forma, ao considerar esses aspectos, podemos trabalhar para garantir que todos os estudantes, independentemente de sua origem socioeconômica ou localização geográfica, tenham acesso a uma educação de qualidade e igualdade de oportunidades.

Para uma melhora e uma educação mais justa, é necessário repensar políticas educacionais que considerem as diferenças socioeconômicas entre as escolas. Incentivando mais investimento onde há mais carência, garantia da formação continuada aos professores com foco na equidade, permitir maior participação da comunidade escolar na construção do currículo e, sobretudo, flexibilizar as diretrizes curriculares para que dialoguem com a realidade dos estudantes. Apenas com uma abordagem sensível às desigualdades estruturais será possível garantir não apenas o acesso, mas também a permanência e o sucesso de todos os alunos no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

Nascimento, E. (2015). Chapecó: Evolução Urbana e Desigualdades Socioespaciais. [Artigo online]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/308896477_Chapeco_evolucao_urbana_e_desigualdades_socioespaciais].

Aline, Thayse, Polyana et al. (2017). Método de Observação. Apresentação realizada na Instituição UNIR.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.